

Reflexões sobre as tecnologias de informação e comunicação na escola pública por um viés autobiográfico

Reflections on information and communication technologies in the public school by an autobiographic viés

Reflexiones sobre las tecnologías de información y comunicación en la escuela pública por un sesgo autobiográfico

Recebido: 06/03/2019 | Revisado: 11/03/2019 | Aceito: 22/03/2019 | Publicado: 24/03/2019

Natália Lampert Batista

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1884-2340>

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

E-mail: natilbatista3@gmail.com

Tascieli Feltrin

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4018-6749>

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

E-mail: tascifeltrin@gmail.com

Marcia Silveira Cassol

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2763-2502>

Prefeitura Municipal de Santa Maria, Brasil

E-mail: marciasilcass@gmail.com

Leandro da Silva Roubuste

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3480-3138>

Faculdade SOBRESP, Brasil

E-mail: leandroroubuste@gmail.com

Elsbeth Léia Spode Becker

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9867-1835>

Universidade Franciscana, Brasil

E-mail: elsbeth.geo@gmail.com

Resumo

Pensar sobre o escopo das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) na escola pública contemporânea é essencial para fazermos seu uso de forma consciente e responsável com possibilidade de gerar uma aprendizagem significativa dos alunos por meio destas

ferramentas. Por isso, o presente trabalho objetiva refletir sobre a inserção das TIC no contexto da escola pública sob um viés autobiográfico. Tais reflexões emergem das vivências de educadores que atuam ou atuaram na rede pública de ensino como docentes regentes e/ou participantes de programas de iniciação a docência e estágios. Concluímos que as TIC podem colaborar muito com o processo de ensino-aprendizagem, mas também destacamos que essas ferramentas são complementos pedagógicos e não podem ser o propósito do trabalho do professor. Além disso, destacamos que em alguns de nossos contextos de atuação, muitas vezes, seu não uso se refere às infraestruturas escolares deficitárias e ao desconhecimento, falta de domínio tecnológico e/ou tradicionalismo da prática docente. Portanto, entendemos que as TIC precisam ser debatidas e seus contextos de inserção na escola sendo observadas a partir de cada realidade escolar para que se tenha uma clara leitura de suas inserções e de suas fundamentações nas práticas pedagógicas.

Palavras-chave: TIC. Educação Básica. Escola Pública.

Abstract

Thinking about the scope of Information and Communication Technologies (TIC) and media in the contemporary public school is essential to make use of them in a conscious and responsible way with the possibility of generating a meaningful learning of the students through these tools. Therefore, the present work aims to reflect on the insertion of TIC and the media in the context of the public school under an autobiographical bias. These reflections emerge from the experiences of educators who act or have acted in the public teaching network as regent teachers and/or participants in programs of initiation to teaching and internships. We conclude that TIC and media can collaborate a lot with the teaching-learning process, but we also emphasize that these tools are pedagogical complements and cannot be the purpose of the teacher's work. In addition, we emphasize that in some of our contexts of action, its non-use often refers to deficient school infrastructures and lack of knowledge, lack of technological mastery and/or traditionalism of teaching practice. Therefore, we understand that TIC and the media need to be debated and their contexts of insertion in the school being observed from each school reality so that one has a clear reading of its insertions and its foundations in pedagogical practices.

Keywords: ICTs and Media. Basic education. Public school.

Resumen

Pensar sobre el alcance de las Tecnologías de Información y Comunicación (TIC) y de los medios en la escuela pública contemporánea es esencial para hacer su uso de forma consciente y responsable con la posibilidad de generar un aprendizaje significativo de los alumnos a través de estas herramientas. Por eso, el presente trabajo objetiva reflexionar sobre la inserción de las TIC y de los medios en el contexto de la escuela pública bajo un sesgo autobiográfico. Tales reflexiones emergen de las vivencias de educadores que actúan o actuaron en la red pública de enseñanza como docentes regentes y / o participantes de programas de iniciación a docencia y pasantías. Concluimos que las TIC y los medios pueden colaborar mucho con el proceso de enseñanza-aprendizaje, pero también destacamos que esas herramientas son complementos pedagógicos y no pueden ser el propósito del trabajo del profesor. Además, destacamos que en algunos de nuestros contextos de actuación, muchas veces, su no uso se refiere a las infraestructuras escolares deficitarias y al desconocimiento, falta de dominio tecnológico y / o tradicionalismo de la práctica docente. Por lo tanto, entendemos que las TIC y los medios necesitan ser debatidas y sus contextos de inserción en la escuela siendo observadas a partir de cada realidad escolar para que se tenga una clara lectura de sus inserciones y de sus fundamentos en las prácticas pedagógicas.

Palabras clave: TIC y Medios. Educación básica. Escuela pública.

1 Introdução

As Tecnológicas da Informação e Comunicação (TIC) estão cada vez mais inseridas no cotidiano das pessoas na contemporaneidade. Seja atrás dos *smartphones*, televisões tecnológicas, computadores, terminais bancários ou todas as diversas ferramentas que utilizamos nos nossos cotidianos, sempre haverá elementos atrelados às novas TIC. Essas ferramentas se tornaram parte do nosso dia a dia e emergem como um desafio e uma possibilidade ao contexto escolar. Mesmo em contextos periféricos é comum à inserção e participação ativa dos mundos virtuais como forma de aprendizagem e diversão, como prática multiletrada e de interatividade cotidiana. Tais dados podem ser observados em Feltrin & Batista (2017) e Batista, Feltrin & Becker (2019). Por esse motivo, tal realidade postula a necessidade de pensar como esses mundos virtuais e as TIC se inserem ou poderiam se inserir no contexto da sala de aula da escola pública.

Por isso, o presente trabalho objetiva refletir sobre a inserção das TIC no contexto da escola pública sob um viés autobiográfico. Tais reflexões emergem das vivências de educadores que atuam ou atuaram na rede pública de ensino como docentes regentes e/ou

participantes de programas de iniciação a docência e estágios e visam desmistificar o olhar sobre o professor e as TIC, bem como relatar brevemente algumas experiências pedagógicas que conduzem a um entendimento prévio das contribuições e desafios do uso de tais instrumentos em sala de aula.

Ao começarmos refletir sobre esse tema nos deparamos com muitas ideias superficiais e de senso comum sobre os professores e as tecnologias. É comum ouvirmos o recorrente discurso sobre o fato de o professor não utilizar TIC por desconhecimento ou ter sua não utilização associada cabalmente atrelada a um ensino tradicional e desconexo com a realidade dos jovens atuais. Todavia, será mesmo esse o cerne da questão? A infraestrutura e os recursos humanos presentes na escola dão conta da inserção coerente e satisfatória dessas ferramentas de ensino? O simples fato de utilizarmos ferramentas tecnológicas faz com que as nossas aulas deixem de ser tradicionais? Essas e outras questões serão discutidas ao longo do artigo, propondo uma reflexão sobre experiências específicas desempenhadas em sala de aula ao longo de múltiplas formas de atuação/observação, seja prática profissional, sejam em programas de iniciação a docência e estágios, sejam relatos de colegas de trajetória.

2 Para começar um diálogo sobre o professor, as TIC

Todos os autores do presente texto que se propõem a debaterem o tema das TIC no contexto escolar já desenvolveram e/ou desenvolvem uma série de projetos e sequências didáticas com a inserção dessas ferramentas pedagógicas no espaço escolar. Além disso, todos já realizaram leituras, cursos e participaram de formações e debates acerca do tema. Isso permitiu que as reflexões sobre as vivências e as teorias estudadas suscitassem o desejo de problematizar o que comumente se aborda sem, no entanto, se distanciar do chão da escola, isto é, da realidade da escola pública brasileira. É relevante ressaltar que o trabalho com TIC em sala de aula se deve, consideravelmente, à boa infraestrutura das escolas em que atuam ou atuaram, as quais contam ou contavam com um laboratório de informática relativamente bem equipado e acesso a internet, que permitem inserir aos alunos no mundo virtual por meio de aulas que envolvam mídias e tecnologias.

Porém, esse não é o contexto da grande maioria das escolas públicas brasileiras. Falta infraestrutura básica. Faltam recursos humanos. Faltam condições de trabalho minimamente adequadas para a inserção de práticas considerada mais inovadora e instigante. Assim, reconhecemos em muitos trabalhos anteriores (destacados nos relatos a seguir) a importância dessas ferramentas para a educação no século XXI, mas buscamos problematizar a

generalização apressada que propõem que o professor não as utiliza em suas aulas por desconhecimento ou por ser tradicional demais.

Concordamos que:

[...] para conseguir captar a atenção dos alunos, as práticas pedagógicas tradicionais já não bastam. A sala de aula é transformada em um grande teatro, no qual os manter atentos por 55 minutos é o desafio! É nesse movimento que se instituem as mudanças, novos desenhos sociais requerem novas práticas de ensinar e de aprender. (Giordani, 2016, p. 49).

Entretanto, questionamos a *culpabilização* do professor como agente responsável pela falta de inovação no contexto escolar. Se a escola não dispõe de recursos mínimos, poderá o professor se utilizar de ferramentas inovadoras, ubíquas e tecnológicas em sala de aula? Modificar os métodos de ensino para atender a nova “clientela” da escola de hoje é preciso, porém não basta inserir uma tecnologia alienígena ao espaço escolar que não contribua para a formação cidadã. É possível inovar de múltiplas formas. As TIC são apenas mais uma delas, mas para sua inserção é extremamente necessário pensarmos políticas públicas de qualificação da Educação Básica nas escolas públicas. É preciso buscar infraestruturas condizentes com as cobranças que recaem sobre o professor da Educação Básica realizadas por diversos seguimentos que tratam da educação na contemporaneidade. É importante inovar! Mas é mais importante ainda buscar condições básicas para a construção do conhecimento na escola do século XXI. Um conhecimento pautado no pensamento crítico e na formação cidadã. Um conhecimento pautado na ética, na valorização do outro, na solidariedade global.

Assim:

O caráter claramente utópico de muitas de nossas políticas educacionais, responsável pelo seu fracasso, se deve, em grande parte, ao fato de não terem sido associadas a uma política social de longo alcance e não estarem alicerçadas em uma clara consciência dos obstáculos econômicos, políticos e culturais que precisam ser enfrentados para a construção de um sistema educacional abrangente e de boa qualidade. Trata-se de tarefa difícil, mas não impossível. É confortador constatar-se que, hoje, no Brasil, a necessidade de garantir uma adequada educação básica ao conjunto da população e de oferecer oportunidades de escolarização posterior à parcela crescente de jovens (Goldemberg, 1993, p.4).

Além disso, é primordial destacar que tecnologia não é sinônimo de aula não tradicional, como observamos em relato em determinado curso de formação de professores que participamos. A ministrante mencionava a grande inovação de utilizar o *Prezi®* como recurso de ensino. Havia substituído os *slides* e agora tinha aulas altamente interativas com o

Prezi® nas suas aulas. Costumava apresentar o conteúdo e “*quando um aluno dormia, colocava-lhe a luz do celular e falava ‘acorda aí!’*”. Alunos dormindo? Conteúdo despejado com um *software* de apresentação sequencial e não interativo para os alunos que assistem a aula? Eis a prova! Tecnologia não é sinônimo de inovação e muito menos de interatividade. Portanto, dependendo do uso da tecnologia podemos ser mais tradicionais que outras metodologias interativas que não utilizam as ferramentas digitais e mídias. Consequentemente, quando associamos TIC à inovação e interação sem levarmos em consideração qual o uso se fazem dessas ferramentas caímos em uma análise superficial e desconexa da realidade da sala de aula. Não basta ser tecnológico, tem que saber como fazer esse uso das ferramentas disponíveis para as práticas pedagógicas dos docentes contemporâneos.

Por outro lado, é essencial pensarmos sobre o fato de que muitas vezes não utilizamos as tecnologias não por desconhecimento ou por ser tradicional. Não as utilizamos porque elas não estão disponíveis. Ainda há local onde não há sinal de celular e de internet. Ainda há locais que não há luz elétrica. Todavia, outras vezes, dispomos dos recursos necessários para fazer um excelente trabalho e confundimos tecnologia com não ser tradicional, com interatividade, com aprendizagem de qualidade e acabamos fazendo um uso errôneo e superficial das ferramentas que dispomos. Pensamos que esse paradigma realmente seja o cerne da questão da inserção das TIC no espaço escolar: como se dá o seu uso na escola é, talvez, muito mais importante do que a mera abordagem sobre o seu não uso na escola.

Dessa maneira, ao debatermos tal tema é importante ressaltar que as tecnologias transformaram sim a nossa forma de ser e de estar no mundo, a nossa forma de lecionar e, principalmente, de aprender como coloca Levý (2010), mas a sua simples presença ou sua ausência em sala de aula não é um bom indicador sobre a qualidade do que se ensina e do que se aprende.

Por outro lado é inevitável ressaltar que:

Qualquer reflexão sobre o futuro dos sistemas de educação e de formação na cibercultura deve ser fundada e uma análise prévia da mutação contemporânea com o saber. Em relação a isso, a primeira colocação diz respeito à velocidade de surgimento e de renovação do saber *savoir-faire*. Pela primeira vez na história da humanidade, a maioria das competências adquiridas por uma pessoa no início do seu percurso profissional estarão obsoletas no fim de sua carreira. A segunda constatação, fortemente ligada à primeira, diz respeito a nova natureza do trabalho, cuja a parte de transação de conhecimentos não pode parar. [...] Terceira constatação: o ciberespaço suporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam, e modificam numerosas funções cognitivas humanas: memória (bancos de dados, hiperdocumentos, arquivos digitais de todos os tipos), imaginação (simulações), percepção (sensores digitais, telepresença, realidades virtuais),

raciócínios (inteligência artificial, modelização de fenômenos complexos). (Levy, 2010, p. 159, grifos do autor).

Portanto, as TIC alteram a forma como o ser humano reconhece e compreende as informações sobre o mundo, fazem como que a percepção de realidade e da separação real-virtual se torne cada vez mais improcedente na vida dos nativos digitais. Isso permite inferir que a aprendizagem está muito condicionada por essas ferramentas, porém não podemos esquecer outras formas de aprender e as outras habilidades que precisam ser estimuladas.

Nessa perspectiva,

A interação surge como principal fonte cognitiva na cibercultura. A inteligência ou a cognição são o resultado de redes complexas nas quais interagem um grande número de atores humanos, biológicos e técnicos. Não sou “eu” que sou inteligente, mas “eu” com o grupo humano do qual sou membro, com minha língua, com toda uma herança de métodos e tecnologias intelectuais (dentre as quais, o uso da escrita). Fora da coletividade, desprovido de tecnologias intelectuais “eu” não pensaria. O pretenso sujeito inteligente nada mais é que um dos microatores de uma ecologia cognitiva que o engloba e o restringe. (Giordani, 2016, p. 49).

Dessa maneira, as novas TIC se tornam essenciais ao cotidiano escolar do século XXI, porém, até que ponto sua inserção é possível? As infraestruturas escolares, muitas vezes, deficitárias de todas as condições essenciais para a realização de um trabalho meramente satisfatório não teriam mais impactos na *tradicionalidade* da aula do professor do século XXI do que a sua boa vontade e conhecimento tecnológico? Giordani ressalta essa interface ao afirmar que:

A instituição que mantém relações frágeis com a Cibercultura no cotidiano dos alunos é a escola! Não faço referências à presença do laboratório de informática, ou a sistemas online de chamada, mas sim às práticas pedagógicas, ao estímulo diário da cognição. Ainda não estamos preparados para uma nova paisagem escolar, suas paredes são rígidas e as filas retas. (Giordani, 2016, p. 50).

E não estamos preparados não por falta de formação (visto que as universidades estão recheadas de cursos e disciplinas sobre esse tema e os cursos de formação continuada de professores são recorrentes ao mesmo tema: uso de tecnologias no ensino) ou desejo dos profissionais das redes de ensino (quem gosta de ministrar uma aula tradicional que não faz o aluno interagir com o conteúdo?), mas, na maioria dos casos, pela burocracia das instituições de ensino, condicionada pelas políticas de Estado que medem os alunos pelo número que os representa e o professor pelo salário e número de aprovados que tem, bem como pela falta de infraestrutura e manutenção nas escolas públicas. Eis que a frágil relação escola-tecnologias

se mostra mais complexa do que simplesmente o conhecido jargão “o professor não inova porque não sabe/tem medo de usar as tecnologias”. Para desmistificar um pouco esse discurso, vamos apresentar alguns relatos de propostas realizadas em escolas públicas (com infraestrutura adequada ao uso de tecnologias) que mostram que, mesmo com todos os desafios, inovar por meio de TIC, na escola pública, é possível, mas que ultrapassa somente a nossa vontade enquanto educadores e inclui também a disponibilidade de recursos e de infraestrutura que temos disponíveis para nossas aulas.

3 Práticas com TIC em escola pública: tecendo relatos

Neste item tecemos os alguns relatos sobre o uso das TIC nas disciplinas de Geografia, Artes, Português e Filosofia. Destacamos algumas propostas desenvolvidas em escola pública e potencialidades no emprego das TIC, ressaltando que o professor da escola pública pode inovar sim, desde que tenha condições de infraestrutura para isso e que deseje inserir tais recursos em suas aulas.

Nas aulas de Geografia, desenvolvemos projetos como, por exemplo, a construção e testagem do Hipermapa do município de Quevedos (RS) que, atrelado a outras proposições didáticas, estimulou a reflexão ambiental sobre o referido município. O Hipermapa consiste em um mapa clicável que apresenta as interfaces ambientais de Quevedos e estimula a pensar sobre a sua organização do espaço. Assim, constatou-se que:

[...] ao trabalhar com recursos visuais interativos e com o espaço de vivência local, as noções de pertença e de identidade podem aflorar o olhar para o lugar em que estão inseridos e valorizar aquilo que geralmente não é observado com toda a atenção que merece, despertando o desejo de cuidar e evidenciando a necessidade de uma ética que impõe a responsabilidade. (Batista et al, 2017, p. 66).

Além disso, possibilitou integrar *softwares* disponíveis na escola com a construção de conhecimentos significativos pelos alunos e com matérias produzidos por uma professora de Geografia. Os *softwares* livres e aplicativos digitais também são excelentes opções para trabalhar em escola pública, especialmente, envolvendo mapas. Um exemplo disso é o QGIS, um Sistema de Informação Geografia gratuito e disponível na internet que permite mapear diversos temas, e o *Philcarto*, um *software* livre francês destinado a mapas temáticos, mas que possui diversos idiomas em sua composição, entre eles, o português.

Ao utilizarmos o primeiro *software* no mapeamento do uso da terra de uma escola municipal, observamos que os alunos ficaram bastante curiosos para a realização da atividade

visto que se encontravam instigados a respeito da produção dos mapas com auxílio do computador sobre o espaço que residem e/ou estudam.

Na atividade pedagógica, os alunos contribuíram dando sua opinião a respeito do bairro Lorenzi, demonstrando a percepção do espaço vivido. Os discentes tiveram uma ampliação do conhecimento se comparado o primeiro questionário com o segundo, no que diz respeito à confecção das imagens de satélites (ou aéreas), a grande maioria dos alunos da turma forneceram respostas convincentes quando questionados se aprenderam a elaborar os mapas de uso e ocupação do solo. [...] Ressalta-se a importância de *softwares* de mapeamentos livres, como no caso do QGIS, já que a linguagem tecnológica é fundamental no ambiente escolar. (Rizzatti et al, 2016, p. 3374).

No que diz respeito ao uso do *Philcarto*, teve-se como resultado o fato de que:

[...] contribuiu com a aprendizagem dos alunos e os instigou a compreender o conteúdo trabalhado de forma mais eficiente, demonstrando que o *software Philcarto*, ao ser utilizado nas aulas de Geografia, para o mapeamento de indicadores sociais brasileiro, é capaz de despertar o interesse dos alunos do Ensino Fundamental para o ensino-aprendizagem por meio de geotecnologias. Além disso, o *software* possibilita mapear diferentes indicadores sociais em diferentes escalas de análise, gerando debates sobre a realidade do País. Portanto, a proposta didática se mostrou eficiente para trabalhar o conteúdo geográfico do 7º ano do Ensino Fundamental e colaborou para a construção de conhecimentos dos estudantes (Campos et al, 2017, p. 163).

Em outra experiência pedagógica, estudantes de Ensino Fundamental e do Ensino Médio realizaram mapeamentos colaborativos e multimodais com o *software livre* QGIS e após os analisaram construindo um *site*ⁱⁱ colaborativo entre as duas escolas participantes da pesquisa de doutorado intitulada “*Cartografia Escolar, Multimodalidade e Multiletramentos para o ensino de Geografia na contemporaneidade*”. A proposta permitiu articular diferente olhares sobre a área urbana de Santa Maria/RS e potencializou a colaboração mediada pela professora/doutoranda e pelas tecnologias. Além disso, os estudantes analisaram as formas de relevo com auxílio da visualização 3D (Superfície) do *Google Earth Pro* e perfis topográficos da área urbana no mesmo *software*, bem como debateram conceitos de climatologia e sequências de tempo atmosférico observado através *Windy* e de anotações sobre o que observavam no cotidiano (Batista, Becker & Cassol, 2018). Portanto, as tecnologias no ensino de Geografia podem diversificar as linguagens utilizadas em sala de aula e potencializar a aprendizagem dos estudantes sobre o espaço geográfico.

Neste mesmo sentido, observamos na disciplina de Artes que é comum ouvirmos que devemos inserir as mídias no contexto escolar, porém primeiramente necessitamos estruturar de que forma estas chegarão a nossas salas de aula. Diariamente usamos várias tecnologias desde o tradicional quadro de giz ao mais moderno aparelhos multimídias, porém o uso das

mídias no contexto escolar não garante uma total qualidade no ensino. É, portanto, uma ferramenta a mais para colaborar com uma aprendizagem significativa.

Na disciplina de Artes temos como destaque o uso das imagens, sendo assim, também utilizamos as tecnologias multimodais em sala de aula. Fazemos o uso de recursos como pesquisa e leitura de imagens através de *sites* específicos sobre artistas e suas obras, realizamos visitas a museus virtuais que permitem a interação mesmo que a distância, aproximando este contexto de fruição de obras artísticas, visto que estas iniciativas culturais como visitação a espaços formais (Museus e Teatros) às vezes são onerosas e difíceis de acontecer, pois nossos alunos na maioria são carentes.

Também usamos como potencial criador alguns *softwares* específicos para a edição de imagens como *Paint* e outros *softwares* livre para a edição de imagens como o *site easel.ly*ⁱⁱⁱ. Tais programas são recursos extremamente inventivos e fáceis, com ferramentas que transformam, modificam, filtram e definem criativamente as imagens. Com o uso destes recursos em sala de aula motivamos a criação através do uso de outras ferramentas que não sejam apenas as tradicionais e manuais como folhas, lápis de cor ou canetinhas, mas que possibilitam resultados inovadores com qualidade e eficácia. É importante ressaltar que:

Atualmente é quase trivial dizer que vivemos em uma era das imagens. Elas estão presentes abundantemente em todos os campos da via social, grandes parcelas da comunicação e da informação são veiculadas por elas. [...] Sensações, momentos, experiências, lugares, pessoas, parece que qualquer coisa para existir deve necessariamente ser fixada no suporte imagético [...]. (Gomes, 2013, p. 5).

Dessa forma, o uso da imagem como fonte pedagógica é extremamente interessante e pode levar os alunos a múltiplas leituras da realidade e do contexto de representação como apontam Kress & Van Leuween (1996, 2006) ao proporem a Gramática do *Design* Visual.

Em Filosofia, assim como em Artes, utilizamos de recursos midiáticos para conduzir os alunos ao estudo da História da Filosofia, apresentando-lhes os contextos de vida de cada filósofo e os locais onde viveram com imagens do *Google Earth*, por exemplo, ou através de imagens e de edição de imagens. A produção de histórias em quadrinhos no *site Canva*^{iv} envolvendo temas atrelados a Filosofia motivou os estudantes e os fez gostarem de estudar essa área do saber, bem como auxiliou na reflexão sobre diversos entes filosóficos. Além disso, o desvelar do pensamento filosófico também foi estimulado através de filmes e de jogos que conduzem a lógica, a linguagem, aos pensadores de diferentes épocas e ao questionamento sobre o mundo físico e metafísico. Filmes como “*O Hobbit*”, o “*Gato de Botas*”, “*Star wars*”, entre outros, podem despertar o olhar dos estudantes para questões

filosóficas e contribuir com a construção de conhecimentos significativos e, principalmente, com a emergência de questionamentos que levem os estudantes ao ato de filosofar, ou seja, pensar cuidadosamente sobre o que todos nós pensamos descuidadamente.

Na disciplina de Língua Portuguesa, trabalhamos com muitas imagens e vídeos destacando a literatura e a elaboração de roteiros como caminho pedagógico. As mídias e filmes ajudam o aluno exercitar a criatividade e imaginar contextos para a sua escrita treinando também a interpretação de ideias contidas em elementos como os vídeos. Além disso, é possível produzir textos em editores virtuais como o *Word*® ou o *Power Point*® e suas versões livres do *Open Library Office*, exercitando o ato de escrever com uma tecnologia cada vez mais necessária de ser aprendida e dominada no contexto atual.

O uso das tecnologias na aula de Língua Portuguesa foi organizado por meio de oficinas de criação literárias, as quais conduziram os participantes por um instigante mergulho no território da criação literária em todas as suas etapas: criação, composição de personagens, descrição de ambientes, organização e revisão, onde cada parte da história e de sua ilustração possuiu um autor diferente o que faz os alunos compartilharem saberes e possibilitou a poliautoria e a interdisciplinaridade dos materiais.

As oficinas de criação literária foram embasadas na experiência com o fantástico e com a literatura através da interação com filmes, vídeos, obras e imagens pensadas para exercitar a imaginação, incentivar a interpretação e a interação dos alunos de uma escola municipal com o universo literário através da escrita criativa e da linguagem visual. A proposta ajudou a reativar memórias sobre a escrita literária e desmistificar a questão de escrita por obrigação, aproximando os alunos da literatura e das ilustrações de roteiro. Além disso, a possibilidade de interação com outras formas de linguagem, além da linguagem verbal tornou a aprendizagem e compreensão dos valores e conteúdos abordados muito mais acessíveis aos alunos que apresentavam algum tipo de necessidade especial ou estavam em processo de alfabetização e letramento diferente dos demais colegas. O trabalho com outras formas de linguagem, facilitado pelo contato com as novas tecnologias digitais, expandem as possibilidades de ensino em Língua Portuguesa, disciplina extremamente associada à leitura e escrita e de certa forma, atrelada às formas tradicionais de ensino.

A partir de nossa percepção sobre as ferramentas digitais é possível pensar em seu uso, em escolas periféricas, como ferramenta pedagógica de apoio à aprendizagem com inúmeros benefícios, tais como apontam Feltrin & Batista (2017, p 61-62):

Facilita e dinamiza a comunicação entre os alunos e com os educadores;

Apresenta novas perspectivas didáticas, pois oferece a possibilidade de interação em tempo real com mecanismos e sujeitos geográfica e culturalmente distantes;
Abre espaço para uma interação maior entre o grupo e o objeto de estudo mesmo à distância e “fora da escola” o processo de ensino-aprendizagem não é interrompido e pode se desenvolver junto a outras atividades de interesse dos alunos;
Os aparelhos de *smartfone*, em sua maioria, apresentam diversas funcionalidades como câmera fotográfica, gravador de áudio e vídeo, rádio, cronômetro, conversor de medidas e volumes, acesso à internet entre outros que ampliam as possibilidades de abordar uma temática;
Proporcionam aos alunos a possibilidade de criarem conteúdo midiático e interajam com os já existentes;
Dinamizam o uso de *softwares* educacionais e jogos interativos;
Aumentam consideravelmente a atração dos alunos pelas atividades escolares;
Possibilitam uma organização escolar menos centralizada na figura do professor, visto que, os alunos como nativos digitais possuem domínio das ferramentas e têm muita experiência para contribuir e agregar nas propostas escolares;
Oportuniza o diálogo sobre situações-problema que permeiam o mundo digital, como o *cyberbullying*, a pedofilia e a exposição a padrões nocivos à saúde, o que por si só já aproximaria a escola do tempo-espaço dos alunos, além de ajudá-los a se utilizarem da rede de maneira mais saudável e positiva;
E, oferece assistência à adaptação de atividades e conteúdos para alunos com algum tipo de deficiência física.

Portanto, de acordo com Batista, Feltrin & Becker (2019, p. 13), as TIC “estão cada vez mais inseridas no cotidiano das famílias e, por isso, podem e devem ser utilizadas no espaço escolar sem gerar estranhamento por parte dos estudantes que, no geral, dispõem acesso constante ao seu uso e aplicabilidade” e os professores contemporâneos “são constantemente desafiados a pensar a especificidade de suas áreas do saber atreladas aos cotidianos multiletrados e multiculturais emergentes”, porém ao pensarmos a inserção das TIC na escola pública precisamos sempre levar em conta a infraestrutura disponível e o uso que se faz dessas ferramentas.

4 Considerações Finais

Pensar a inserção das tecnologias digitais em espaço escolar é essencial na contemporaneidade. Porém, ao fazer isso é necessário conhecer a realidade das escolas públicas brasileiras para não cairmos em falácias que desqualificam ainda mais as lutas dos professores em serviço no Brasil. Pensar as TIC com os pés na realidade se torna, assim, uma forma de reconhecer o cerne da problemática que envolve esse tão complexo tema tão importante para a educação do século XXI.

Toda e qualquer disciplina pode ser “conectada” às novas metodologias, pois há múltiplas possibilidades de utilização em sala de aula, desde que professores e alunos tenham consciência de sua utilização. Não é benéfico o uso de ferramentas digitais como forma de “divertir” ou “modernizar” a aula, sem que haja uma necessidade real e uma finalidade

pedagógica clara para todos os envolvidos. As novas tecnologias permitem aproximar os alunos de escolas públicas de realidades e situações com as quais não poderiam ter contato de outra forma. A utilização de imagens, vídeos, aplicativos e ferramentas digitais apresentam enorme potencial no trabalho de ampliação das oportunidades de aprendizagem, mesmo diante de casos de dislexia, *déficit* de atenção e outras necessidades especiais.

Nesse sentido, defendemos que professores e escolas avaliem suas possibilidades e invistam na utilização e aproveitamento das TIC de que dispõem. Um ensino de qualidade se relaciona diretamente com o bom uso de todos os elementos presentes em cada comunidade escolar. E também, em grande parte, depende do cuidado e do financiamento dos órgãos responsáveis pela educação pública, que garanta o mínimo de equidade e acessibilidade para todas as comunidades escolares.

Referências

Batista, N. L., Feltrin, T. & Becker, E. L. S. (2019). Uma análise das práticas multiletradas de alunos do ensino fundamental em uma escola pública de Santa Maria/RS. In: *Research, Society and Development*, 8 (5), p.1585991.

Batista, N. L., Cassol, R. & Becker, E. L. S. (2018). Multiletramentos e Multimodalidade na Cartografia Escolar para o ensino de Geografia: considerações gerais. In: *III Colóquio de Pesquisadores em Geografia Física e ensino de Geografia*. Pelotas, RS: UFPel.

Batista, N. L., Cassol, R. & Becker, E. L. S. (2017) A Cartografia Escolar no processo de ensino-aprendizagem: o Hipermapa e sua utilização na Educação Ambiental em Quevedos/RS. In: *Ateliê Geográfico*, 11 (2), p. 51-75.

Campos, J. O., Batista, N. L., Cassol, R. & Rizzatti, M. (2017) O Philcarto como ferramenta didática nas aulas de geografia do ensino fundamental. In: *Revista Geonorte*, 8 (30), p. 148-164.

Feltrin, T. & Batista, N. L. (2017). O uso de Tecnologias de Informação e de Comunicação por alunos de 6º ano de uma escola de periferia como possibilidade pedagógica. In: *Revista Percurso* (Online), 9 (2), p. 47-65.

Giordani, A. C. C. (2016). *Cartografia da autoria de objetos de aprendizagem na cibercultura: potenciais de e-práticas pedagógicas contemporâneas para aprender Geografia* (Tese de Doutorado). Porto Alegre: UFRGS.

Goldemberg, J. (1993). O repensar da educação no Brasil. In: *Estudos Avançados*, 7 (18), p. 65-137.

Gomes, P.C. C. (2013). *O olhar do lugar: elementos para uma Geografia da visibilidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Kress, G. & Van Leeuwen, T. (1996). *Reading Images: The Grammar of Visual Design*. New York: Routledge.

Kress, G. & Van Leeuwen, T. (2006). *Reading Imagens: The Gramar of Visual Desing*. 2 (1). London: Taylor & Francis e-Library.

Levy, P. (2010). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.

Rizzatti, M., Batista, N. L., Cassol, R. & Turba, I. C. (2017). A cartografia analógica e digital no ensino de geografia: mapeamento do uso e ocupação do solo com alunos do ensino fundamental. In: Perez Filho, A. & Amorim, R. R.. (Org.). *Os Desafios da Geografia Física na Fronteira do Conhecimento*. Campinas, SP: Instituto De Geociências – UNICAMP, 1 (1), p. 3364-3375.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Natália Lampert Batista – 30%

Tascieli Feltrin – 30%

Marcia Silveira Cassol – 20%

Leandro da Silva Roubuste – 10%

Elsbeth Léia Spode Becker – 10%

i Disponível em: <<https://prezi.com/pt/>>. Acesso em março de 2019.

ii Disponível em <<https://tesecartoescolar20.wixsite.com/metodologia>>. Acesso em outubro de 2018.

iii Disponível em: <<https://www.ease.ly/>>. Acesso em março de 2019.

iv Disponível em: <https://www.canva.com/pt_br/criar/tirinhas/>. Acesso em março de 2019.